

O EFEITO METAFÓRICO DE “CABELO CRESPO” NA CONDIÇÃO DA TRANSIÇÃO CAPILAR

CAMILA RAMOS DE PAULA (UNIOESTE)¹

RESUMO: Esta pesquisa é resultado da dissertação de mestrado que teve por objetivo analisar o discurso sobre o cabelo crespo na condição de transição capilar e como, a partir disso, um perfil-mulher passa a ser significado. Para a realização das análises, foram selecionadas Sequências Discursivas (SDs) que dizem sobre os tipos de cabelos (lisos, ondulados, cacheados e crespos). As SDs foram selecionadas do ambiente digital (Revista *Veja online*, Folha de São Paulo *online*, recortes de um texto de um *blog* e publicações e comentários da rede social *Instagram*) e, aqui neste ensaio, selecionamos apenas algumas SDs recortadas da matéria da Revista *Veja online*: “De volta às raízes”, publicada em outubro de 2018. Em síntese, a problemática da pesquisa foi identificar quais efeitos de sentido permeiam o dito sobre o empoderamento feminino a partir da “aceitação” ou não do cabelo natural crespo. Para a realização da análise, utilizamos a teoria da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo os estudos de Michel Pêcheux, e destacamos neste artigo o conceito de metáfora. A pesquisa foi de base qualitativa e de cunho interpretativista. Por meio da análise das SDs, identificamos um deslocamento metafórico sobre os termos “cabelo crespo”, quer dizer, os sentidos dos termos dependem da Formação Discursiva em que o sujeito se inscreve. Assim, ter o cabelo crespo pode significar algo “bom” e, ademais, “ruim”. Percebemos que o cabelo em uso, “assumir” os fios no social, carrega sentidos que ecoam no social, e isso é histórico e também mercadológico.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Cabelo Crespo. Transição Capilar. Efeito Metafórico.

ABSTRACT: *This research is the result of a Master's thesis that aimed to analyze the discourse about kinky hair in the condition of hair transition and how, from this a woman-profile becomes meaningful. For the analysis, Discursive Sequences (DSs) were selected, telling about types of hair (straight, wavy, curly, and frizzy). The DSs were selected from the digital environment (Veja online magazine, Folha de São Paulo online, parts from a blog text and Instagram social network posts and comments), and here in this essay we have selected only the DSs clipped from Veja online magazine story, "Back to the Roots," published in October 2018. In short, the problematic of this research was to identify which effects of meaning permeate what is said about female empowerment from the "acceptance" or not of natural kinky hair. To perform the analysis, we used the theory of French Discourse Analysis, especially the studies of Michel Pêcheux, and we highlighted in this article the concept of metaphor. This research was qualitative based and of interpretivist approach. Through the analysis of the DSs, we identified a metaphorical shift on the terms "kinky hair", that is, the meanings of the terms depend on the Discursive Formation in which the subject is inscribed. Thus, having kinky hair can mean something "good" and also "bad". We realize that the hair in use "assume" the strands and carries meanings that echoes the social environment, this is historical and also marketable.*

KEYWORDS: *Speech. Curly hair. Hair Transition. Metaphorical Effect.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo compartilhar um recorte da dissertação de mestrado a qual analisou dizeres sobre os tipos de cabelos das mulheres, em destaque o cabelo crespo na condição da transição capilar. Para as análises, os tipos de cabelos foram observados como propositores do suposto empoderamento feminino, do aumento da autoestima e da autoafirmação social, em submissão aos ditames do mercado.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, camilah-depaula@hotmail.com

O *corpus* do trabalho completo foi selecionado a partir de duas matérias: “De volta às raízes”, da Revista Veja online, publicada no mês de outubro de 2018; e “Mulheres brasileiras têm buscado mais por cabelos cacheados que por lisos na web”, da Folha de S. Paulo, online, publicada em agosto de 2017. Além das SDs retiradas das matérias, foram recortadas algumas SDs do texto “Cabelo crespo e Bombril: essa comparação não é brincadeira, e sim racismo”, do blog Sah Oliveira, do portal Uol, do dia 28 de dezembro de 2018; e textos que circulam nas publicações e nos comentários da rede social Instagram. Destacamos que, neste ensaio, apenas duas SDs da Revista Veja online serão abordadas com o objetivo de abordar, sobretudo, o efeito metafórico.

Para a produção do trabalho proposto, a Análise de Discurso de linha francesa foi mobilizada, tendo em vista que a disciplina oferece princípios e procedimentos de análise que oportunizam a reflexão, que consideram a história e, também, o social configurados na materialidade da língua.

Destacamos que este ensaio é de cunho interpretativo e busca alcançar um dentre outros sentidos possíveis. A metodologia da pesquisa inclui a descrição e a análise do material selecionado, com a observação do dito, não dito/silenciado e o modo como é dito.

A AD surgiu na década de 1960, na França, e tem Michel Pêcheux como seu fundador. Ela é uma das correntes da Linguística e teve o seu surgimento a partir da confluência da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo. A preocupação dessa corrente é entender a influência que um discurso tem sobre o outro; como, a partir do meio de produção, um discurso pode ter diferentes significados; como acontece(m) o(s) efeito(s) de sentido(s); e como a presença do (não)dito/silenciado está presente em um discurso.

Para a AD, a linguagem é entendida como mediadora entre o homem e sua realidade, constituindo ambos. E o discurso, nessa perspectiva teórica, é compreendido como “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2015, p. 15). Estudar o discurso possibilita observar o homem falando, e, diante disso, não se considera um sujeito singular, mas modos de pensar do coletivo, sócio historicamente situado.

A linguagem não é transparente para a AD, não é neutra, portanto, todo discurso é atravessado por ideologias. Nesse viés, por meio da análise, é possível ir além da estrutura sintática da língua, pois tem-se o acesso a sentidos ideologicamente orquestrados e, assim, produz-se outros, sempre em contato com o ideológico que nos habita.

De acordo com Orlandi (2015, p. 46), o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” A ideologia “é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 46). A ideologia, conforme Pêcheux (2009), designa o que é e o que deve ser, ela fornece as evidências pelas quais os sujeitos sabem o que dizem os enunciados e, também, que mascaram o caráter material do sentido das palavras dos enunciados. Esse caráter consiste na sua dependência constitutiva do chamado “o todo complexo das formações ideológicas”.

As palavras, expressões etc. têm o sentido modificado segundo as posições sustentadas por quem as utiliza, isto é, têm sentido a partir das formações ideológicas. Michel Pêcheux (2009) nomeia formação discursiva (FD) o que em uma formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. O funcionamento da ideologia com interpelação do sujeito se dá por meio das formações ideológicas.

De acordo com Pêcheux (2009),

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem”

e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

Pêcheux menciona o idealismo e afirma que é um funcionamento espontâneo da forma-sujeito. O sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina. O pré-construído (semântica – metáfora) corresponde ao sempre-já-aí, o encadeamento dele e o discurso transverso (sintaxe – metonímia) são permeados pelas relações interdiscursivas. A forma-sujeito pode-se caracterizar como a realização da incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso.

Destacamos que os sentidos das SDs não estão centrados apenas nas palavras utilizadas, mas também na exterioridade e, por isso, outro conceito deve ser abordado: condição de produção, já que as condições que permeiam a efetivação do discurso também influenciam a formulação. Conforme Orlandi (1987), falar em discurso é falar em condições de produção.

DISCURSOS EM ANÁLISE: A PRESENÇA DO EFEITO METAFÓRICO

Observarmos os efeitos de sentido que a língua adquire e as variações de significação a que está submetida nos leva, desse modo, a refletirmos sobre a *metáfora* e a percebermos como o sentido se produz a partir de uma região de clivagem e de dispersão. De acordo com Pêcheux (2011),

é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2011, p. 158, grifos do autor).

Tendo em consideração o postulado do autor, podemos afirmar que o sintagma ‘cabelo crespo’, dependendo da região discursiva em que circula, tem o efeito de sentido modificado em função das injunções metafóricas a que está submetido e à relação interdiscursiva que o constitui. Embora, do ponto de vista linguístico, os termos sejam os mesmos, o efeito não é o mesmo, em face do deslocamento metafórico entre FDs distintas – a que “defende” o uso do cabelo natural crespo e a que “defende” o uso do cabelo liso por meio da química. Vejamos as SDs abaixo:

SD1: Adeus alisamento. Cada vez mais mulheres negras recorrem à transição capilar, o nome esquisito de um processo de embelezamento e expansão da autoestima.

SD2: Cabelo ruim, alisamento, escova. Todos esses termos usados com a explícita finalidade de esconder os fios crespos na cabeça das mulheres de pele negra estão sendo cortados do seu dia a dia.

Dar “adeus” ao alisamento é entrar no processo de transição capilar (abandono do alisamento), “nome esquisito”, conforme a SD; mas, se o nome representa o processo, podemos afirmar que não só ele seria esquisito, como a prática também. Para realizarmos essa e outras reflexões, a AD nos disponibiliza um dispositivo teórico-metodológico para o processo de análise. Seguindo os pressupostos da teoria, buscamos relacionar a língua, o discurso e a ideologia, uma vez que observar os discursos que circulam sobre o cabelo crespo/liso permite perceber como os sentidos são produzidos pelos, para e sobre os sujeitos.

A partir da passagem “Processo de embelezamento e expansão da autoestima”, a transição capilar recebe qualificações positivas, mas é preciso destacar que elas não se aplicam

ao processo especificamente, pois quem as recebe são as mulheres que adotam a transição. Na condição de ter tido antes o cabelo liso por meio de processo químico, a mulher passa a ser significada e dita como não-bela, ou não totalmente bela. Ela - já não (completamente) bela - teria, por isso, uma baixa autoestima, que poderia (é prometido pelo discurso) passar por um momento de “expansão”.

Percebemos que, nesta primeira SD, o discurso sobre transição capilar é dirigido a um grupo específico de mulheres, as negras, o que, por conseguinte, afastaria as outras mulheres do processo. A SD1 afirma que a autoestima da mulher negra terá uma melhoria apenas se ela passar pelo processo de transição e se aceitar voltar ao cabelo natural; e essa volta não é uma simples volta; é um “adeus”, o que parece produzir o efeito de uma solução definitiva. Nesse sentido, a transição capilar vai além de um processo químico; trata-se de assumir uma identidade apagada por meio do cabelo anterior.

Dar “adeus” pode indicar uma saída sem volta ao alisamento; logo, o processo recebe uma caracterização que, de certo modo, não é compreendido em sua definição de origem. É necessário lembrar a definição de “processo”, pois não há um dizer que estabelece por quanto tempo a pessoa que escolhe passar por ele deve permanecer. O discurso, neste sentido, parece tornar a mulher a refém de um processo que não tem um tempo previsto de duração. Além disso, está implícito que, se, no meio do caminho houver a desistência por parte da mulher, a autoestima e o embelezamento ficarão incompletos, o que coloca de pronto a necessidade de submissão a tudo que o processo prevê.

O processo de transição capilar exige que a mulher deixe o cabelo crescer naturalmente e isto demora. O “adeus ao alisamento” pode até ser “cancelado” por causa do retardo. Diante desse fato, pensamos no não-dito, que também faz parte do processo de análise. Orlandi (2015), ao refletir sobre o dispositivo de análise, afirma que devemos “ouvir” sobre o que o sujeito não diz a partir do dito. Dizer “adeus” ao alisamento para ficar bela e ter uma autoestima completa nos diz que desistir fará com que a autoestima não seja expandida, o que não deixa de ser uma chantagem e um recurso mercadológico para vender produtos, por meio da ameaça subliminar e velada à consumidora.

Sob este suposto discurso de resistência, mas que é impositivo (aceite o seu cabelo natural), percebemos o discurso outro que rompe com o processo de aceitação livre do cabelo, isto é: a mulher deve aceitar o seu cabelo natural para expandir a autoestima, caso contrário ela continuará no estado em que se encontra. Mesmo que seja um discurso que queira mostrar uma “livre” escolha, por meio da análise, é possível perceber que não se trata de algo “livre”, mas de um processo que é exigido para que a mulher possa passar pelo processo de “embelezamento”, aceitando o que ele trouxer de gasto e consumo, mesmo que isso não circule livremente no intradiscurso.

Outro excerto que também destacamos é o “cada vez mais”, que sugere que tem havido um aumento na procura pelo processo anunciado e que as mulheres negras que estão na busca pela transição recebem, desse modo, um destaque diante do processo, já que, supostamente, ficam mais belas e com a autoestima elevada. No limite, ao refletirmos sobre os efeitos dessa SD, e considerando o não-dito posto em prática, eles produzem o efeito de que as mulheres negras (sobretudo aquelas que fizeram/fazem alisamento) não são bonitas e nem têm “autoestima elevada”, já que somente a passagem pelo processo divulgado é que garantirá a obtenção de tal resultado/sentimento.

Eis as questões: toda mulher negra que tem o cabelo alisado por meio de processo químico não é bonita e nem tem a autoestima “expandida”? A mulher negra deve, necessariamente, aceitar o cabelo crespo? Ao refletirmos sobre essa problemática, podemos

perceber um determinado desequilíbrio em relação ao cabelo liso, que se contrapõe à opção pelo cabelo liso. Parece que o discurso, em última instância, indica um “pertencimento” natural relativo ao cabelo; em outras palavras: o cabelo liso só é bonito para a mulher branca e é ela que deve usá-lo, já que, em seu caso, ele é natural; o cabelo liso não pertenceria à mulher negra. Ela pode até ter tido o cabelo liso, mas sua beleza era incompleta para os padrões socialmente estabelecidos, como é possível observar nos discursos da FD em questão.

O discurso presente na primeira SD produz o efeito de sentido de que as mulheres negras que utilizam o cabelo liso por meio de processo químico não são bonitas e que o seu grau suposto de autoestima é inferior, valendo-se de uma régua de medida, que não é delas, mas do grupo social em que se acham inseridas e que as observa. Essa sociedade, assim, seria capaz de mensurar a autoestima da mulher que tem cabelo alisado e percebê-la como incompleta. A transição capilar, nesse discurso, não é, portanto, uma alteração dos tipos de fios, mas um “expansor” de autoestima e beleza, elemento que deixaria, em teoria, a mulher mais satisfeita: é o que o discurso promete.

Os efeitos de sentidos presentes na SD1 nos dizem sobre as mulheres negras e os seus cabelos e criam uma imagem de beleza delas que só ocorre se o processo de transição ocorrer e a aceitação dos fios naturais acontecer. A SD, portanto, mostra ditos e não-ditos que revelam o olhar do outro sobre a mulher negra; um olhar que padroniza a beleza e determina como ela deve ser, alienando-a, por consequência, ao consumo de um conjunto de determinados produtos destinados ao tratamento do cabelo crespo.

A SD2 mostra, também, o direcionamento do discurso para um perfil específico de mulheres - as negras - e a sua vontade/necessidade, dadas como supostas, de aceitar o cabelo natural. Agora, alisar o cabelo não é mais a busca que se tem, mas a aceitação de um elemento identificador que traz beleza e autoestima. Destacamos, aqui, o uso do termo adjetivo utilizado junto ao termo substantivo ‘cabelo’: “ruim”, que qualifica, dessa maneira, um tipo determinado de cabelo. O qualificativo se destina às características negativas tidas como óbvias dos cabelos/fios crespos e tão somente eles são adjetivados desse modo pejorativo.

Percebemos a construção de um processo gradativo logo no início da sequência discursiva entre “cabelo ruim, alisamento, escova”, que parece criar uma espécie de obrigação necessária entre ter uma coisa e fazer outras. O primeiro passo para fazer uma escova (tida como obrigatória) é ter o “cabelo ruim” e, por meio do enunciado, podemos perceber que o cabelo “ruim” é o cacheado/crespo. Embora pareça haver a criação de um efeito de ruptura com o padrão socialmente estabelecido (liso), já que os recursos para buscá-lo estariam sendo “cortados”, o discurso repete as concepções pejorativas gerais em relação ao cabelo crespo.

Ademais, a sequência usa “cabelo ruim” como ocultação/substituição via efeito metafórico de “cabelos crespos”. Por essa via, poderíamos afirmar que os discursos sobre o cabelo crespo passam por um processo de apagamento, tanto por ser, de algum modo, não aceitos socialmente que nem devem ser mencionados, como já está cristalizado e é do senso comum que ele é ruim. Assim, afirmar que é “ruim” é aceito e não há estranhamento sobre isso.

O corte mencionado no enunciado se refere a “termos”, porém a escolha lexical de remissão evoca o campo semântico relativo ao cabelo cacheado/crespo por meios dos termos evocados. E não se trata de uma solução paliativa, mas definitiva, já que “cortados” remete a uma saída drástica que relembra o dito popular “cortar o mal pela raiz”: eliminar. Trata-se, portanto, de o cabelo liso obtido por meios não naturais não ser mais um recurso por parte da mulher que os possui, em que pesem as razões econômicas para fazer a defesa dos cabelos crespos.

A SD2 evidencia o propósito (que já teria deixado de ser aceitável) de esconder os fios crespos. Querer passar pela transição capilar passa a receber novas significações. Agora, quem decide mostrar o seu cabelo natural também decide não esconder mais o que de fato tem e o constitui. Em contraponto, assim, percebemos a presença de uma FD que indica o que pode e deve ser dito sobre o cabelo crespo, isto é: ele é “ruim”, deve ser escondido e deveria passar pelo alisamento e pelo uso de escova.

Nesta FD (negada pela que defende a aceitação do cabelo crespo), não há “espaço” para o cabelo crespo “bom”; logo, o crespo é considerado “ruim”, pois, em contraposição, o liso é o “bom”. Analisarmos esses dizeres é refletir sobre o que se diz socialmente. A SD2 em análise representa um discurso que não é de um sujeito individual, mas daquilo que circula socialmente. Assim, os recursos avaliativos “bom” e “ruim” ocorrem sem a necessidade de especificar de que tipo de cabelo se está tratando, pois os termos, “logicamente”, evocam a classificação dos fios, ou seja: se é dito “x” (bom), ele remete a cabelo liso; e se é dito “y” (ruim), ele se refere ao cabelo cacheado/crespo.

Outro efeito de sentido que observamos, neste percurso negativo, é o fato da segregação que os termos destacados apontam em relação às mulheres que têm esse tipo de cabelo. A SD afirma, por meio da retomada de um discurso anterior com o qual polemiza: “esconder os fios crespos na cabeça das mulheres de pele negra”. O discurso limita novamente o grupo de mulheres que devem esconder determinados fios: as negras. Se observarmos a sociedade brasileira e a sua historicidade, parece óbvia a miscigenação presente e que há mulheres que têm o cabelo cacheado/crespo e não são negras e não parece ser o caso; então, que essas mulheres também precisem esconder os fios crespos, afinal, conforme o discurso presente na SD, somente as mulheres negras “não podem ter o cabelo natural/assumi-los”, como dito na FD questionada.

Mulheres que possuem cabelos crespos/cacheados e são brancas, neste sentido, são “aceitas” pela sociedade e não teriam por que alisar o cabelo, já que, neste caso, o olhar do outro “aprova” o uso do cabelo cacheado, o que mostra que, no limite, o fiel da balança é mesmo a cor da pele e não o cabelo crespo. Percebemos a presença da “autorização” de uso do cabelo visto como “ruim” para as mulheres brancas, mas não para as negras. Logo, o “problema” alegado que constitui uma FD parece não ser o cabelo crespo, mas o cabelo crespo numa mulher negra. É sintomática, neste caso, a apreciação positiva que temos de uma criança, por exemplo, numa determinada publicidade, que possui cabelos cacheados e se assemelha a um “anjinho”.

Pensarmos sobre esses discursos nos leva a perceber a presença do ingrediente ideológico que, constituinte, atravessa os discursos e os coloca em relação polêmica, criando, neste caso, uma dualidade de FDs e sabemos que o discurso, ao sabor do que o constitui em cada caso, estabelece o que é como deve ser (PÊCHEUX, 2009). O cabelo crespo - sob determinado viés ideológico - não deve ser “usado” se a mulher for negra. Os termos ‘cacheados’/‘crespos’ recebem uma carga significativa conforme a filiação discursiva dos sujeitos que os proferem, aliás, é por meio do discurso proferido pelo sujeito, conforme o que dita a FD que o interpela, que podemos acessar os efeitos de sentido possíveis. O sentido literal não existe, ou seja, estamos sempre em presença de metáforas que, por meio de deslocamentos interdiscursivos, definem os efeitos de sentido em jogo e que devem ser veiculados pelos sujeitos por meio dos discursos que eles produzem (PÊCHEUX, 2009).

Desse modo, a semântica discursiva de ‘bom’ e ‘ruim’, no que se refere ao cabelo crespo, é definida pela FD que transforma o sujeito em porta-voz de um discurso em especial. É pela observação das condições de produção (em sentido amplo, o contexto sócio-histórico e

ideológico, e, em sentido estrito, a situação comunicativa) que observamos o confronto polêmico entre duas FDs que tecem efeitos de sentido sobre o cabelo crespo: dizer que ele é um cabelo “bom” terá uma carga semântica em relação à filiação discursiva de quem diz, ou melhor, a partir da FD a que o sujeito porta-voz se filia.

Numa das FDs, o qualificativo ‘bom’ é aplicável ao cabelo ‘liso’ e ‘ruim’ ao cabelo “crespo/cacheado”, o que muda de foco avaliativo se a FD for a outra, a sua oponente. Percebemos, assim, que há um deslizamento metafórico entre duas FDs e que esse entrecruzamento de diferentes efeitos provoca entre elas uma relação interdiscursiva, que se confrontam polemicamente. Podemos, assim, contemplar uma “disputa” de sentidos entre as FDs que, neste caso, abordam o cabelo crespo. O discurso que diz “x” sobre o cabelo nega o discurso de “y”, o que significa que o “cabelo bom”, num caso, é o “cabelo ruim”, no outro.

Sabemos que os discursos são “determinados” por formações ideológicas (BRANDÃO, 2012) e que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Neste sentido, ao tratarmos da classificação/avaliação, dos discursos sobre os diferentes fios de cabelos, percebemos significações/interpretações/juízos distintos, uma vez que os sujeitos que se pronunciam sobre eles são afetados ideologicamente. Logo, o discurso sobre o cabelo crespo é afetado ideologicamente e, por decorrência, ocorre a desvalorização do discurso que busca exaltar com o enaltecimento daquele que desvaloriza, ou o contrário: há o enaltecimento daquele que busca valorizar, com a crítica àquele que o toma demeritório.

No descompasso criado pela polêmica entre estas duas FDs, podemos observar, portanto, um deslocamento metafórico interdiscursivo, que ora está do lado do eixo positivo ora, está do lado do viés negativo: um direito e um avesso.

Nesse viés, vejamos:

Quadro 1- Regiões Discursivas A e B e os sentidos sobre cabelo crespo

Região Discursiva A	Região discursiva B
<i>Cabelo crespo</i> Ruim	<i>Cabelo crespo</i> Bom

Fonte: elaborado pela autora

Podemos perceber que o cabelo crespo não tem um sentido estável e homogêneo, já que ele pode ser “bom” ou “ruim”, constituindo-se numa metáfora que deve ser observada a partir de determinada região do discurso, isto é, dentro de uma FD. Logo, dizer sobre o cabelo crespo não significa que já haja um significado; para chegar a ele, é preciso acionar a FD em que o sujeito se insere. É neste rumo que Cattelan afirma que “não há, portanto, o sentido, mas um efeito produzido numa conjuntura”.

O sentido, portanto, é naturalmente metafórico e funciona como efeito de sentido, cujos deslocamentos ocorrem por meio da mobilização do discurso em determinadas condições de produção. Destacamos, assim, que não há sentido literal e que a essência da linguagem é a metáfora. Neste trabalho, entendemos “crespo” e “liso” como nossas metáforas e, logo, que elas significam o que a FD determina, isto é: perceber o efeito de ‘crespo’ ou ‘liso’ é possível a partir do lugar que o sujeito ocupa. O sentido “nasce” já-definido por uma FD.

Neste sentido, conforme Cattelan, “o interdiscurso está intrinsecamente ligado à metáfora, pois, dada a importância e o deslocamento que ela provoca, tem nele o ‘princípio de funcionamento’” (CATTELAN). De um lado, o interdiscurso é a força de confronto que se tece entre as FDs; de outro, deste embate, resulta a metáfora, a clivagem, a divisão, a dispersão, a heterogeneidade e o sentido outro, consequência do deslocamento provocado pelo interdiscurso. O autor (2021, p. 6) aponta ainda que:

O interdiscurso remete, portanto, à relação entre discursos com fronteiras relativamente delimitáveis (formações discursivas técnicas, políticas, religiosas, sanitárias, morais, médicas, pedagógicas...), cuja importação de pré-construídos permite que uma metáfora coloque o objeto discursivo sob outras luzes e propicie outra rede de sentidos.

Precisamos ressaltar como o interdiscursivo aborda a relação entre os discursos: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2015, p. 29). Nesta pesquisa, o cabelo crespo pode ser “bom” ou “ruim”, desejável ou não, em relação entre os dizeres, uma vez que é ideológico o funcionamento dos significados, que são entendidos a partir de onde são ditos. Conforme Orlandi (2015), “as palavras conversam com outras palavras” (ORLANDI, 2015, p. 41).

Destacamos, ainda, que, de acordo com Orlandi (2015), “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2015, p. 41). O cabelo “bom” ou “ruim” faz parte dos dizeres que circulam socialmente e nesses deslocamentos de efeitos podemos identificar a metáfora presente. Já mencionamos a região discursiva nomeada de “A” e o efeito produzido a partir do termo “crespo”. Observamos, agora, um recorte em que esse efeito se materializa na contradição interdiscursiva entre duas metáforas ou dois efeitos contrastantes:

A gente escuta muita coisa, dá muito ouvido para a opinião dos outros. Quando você se ama e alguém vier dizer que o seu cabelo é ‘feio, ruim ou esquisito’, você vai falar: ‘Está louco, né, meu amor? Eu sou maravilhosa’. A gente acaba aprendendo a rebater essas coisas porque você sabe quem você é, sabe o valor que você merece, sabe que sua cotação é dólar, meu amor!

Este discurso foi reproduzido também pela cantora Iza. Na FD que aceita a transição capilar, a cantora menciona o sentido presente na região discursiva “A”, quer dizer: o cabelo crespo “ruim”. Além disso, outros termos pejorativos são acrescentados: “feio” e “esquisito”, em que podemos perceber que o cabelo crespo é dito pelo olhar do outro, que estabelece sentidos específicos tendo em vista a curvatura dos fios, mas que é rechaçado a partir de um outro diapasão de valoração, por discursos que se filiam a outra FD.

O sujeito deste discurso é interpelado pelo discurso social e se inscreve na região discursiva “B” em contradição com a região “A”, o que mostra o efeito metafórico acontecendo: o cabelo crespo em clivagem e dispersão e isto nos leva a Orlandi (2015, p. 42), para quem a metáfora “significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam”.

Em face deste quadro de postulados, neste trabalho, buscamos observar o deslocamento metafórico e os efeitos de sentidos dos discursos sobre o cabelo crespo, ressaltando que, em cada caso, os sujeitos estão inscritos em FDs distintas, sendo constituídos por uma ideologia ou outra. A condição de produção dos discursos é o contexto da aceitação ou não da transição capilar e, portanto, o movimento entre duas FDs distintas que provocam lacunas metafóricas entre si sob a força do interdiscurso que as impulsiona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo compartilhar um recorte da dissertação de mestrado que analisou discursos sobre os tipos de cabelos das mulheres, sobretudo, o cabelo crespo, e, a partir deles, como se dão o suposto empoderamento feminino, o aumento da autoestima e da autoafirmação social, em submissão aos ditames mercadológicos. O objetivo geral foi analisar

sequências discursivas recortadas do ambiente digital que abordam os cabelos não lisos. Seleccionamos duas matérias - uma da Revista Veja e outra da Folha de São Paulo - e outros discursos para dialogar com elas - recortes de um texto de um *blog* e publicações e comentários da rede social *Instagram*. Neste artigo, destacamos as SDs seleccionadas da Revista Veja *online*.

Por meio da análise das SDs, percebemos o deslocamento metafórico, já que ter o cabelo crespo significa de modos diferentes, dependendo da FD em que o sujeito se inscreve. O efeito foi considerado tendo em vista duas regiões discursivas distintas, que nomeamos de “A” e “B”. Consideramos os fios em dois grandes grupos, a partir do efeito genérico que circula socialmente. Assim, temos o liso e os fios que se distanciam dele: o ondulado, o cacheado e o crespo. Devido a essa consideração, os fios não lisos foram abordados como sinônimos neste trabalho.

As condições de produção dos discursos analisados dizem respeito ao processo de transição capilar - a volta ao cabelo natural depois de ter realizado procedimentos específicos para alisar os fios. É a partir desse processo que notamos um perfil-mulher que passa a ser caracterizado.

Sabemos que os efeitos de sentidos das SDs analisadas não são de um sujeito único, mas representam o ideológico presente socialmente. Desse modo, podemos afirmar que os discursos sobre os fios circulam na sociedade, em diferentes formações discursivas. A sociedade julga os fios que as mulheres “decidem” usar. O cabelo liso, “bom”, por meio de procedimentos é tido como uma fuga à identidade e o cabelo natural crespo é visto como “ruim”, ou seja: independentemente dos fios assumidos, há julgamentos.

Os recortes trabalhados mostram que há diferentes afirmações sobre as condições da transição capilar. Destacamos a presença da mulher negra nesses discursos, já que ela recebe julgamentos, se compararmos aos fios não lisos em mulheres brancas. A mulher negra que usa os fios lisos não-naturais é tida como sem autoestima e não-bela. Também é dito que ela deve esconder os fios crespos; neste caso, não somente o cabelo é negado, como também o sujeito de modo geral. Se o cabelo é visto como “ruim”, quem o usa também é; os fios são uma metonímia do todo. Nesse viés, ter o cabelo liso seria “bom”, porque apagaria quem é tido como “ruim” socialmente - discurso das SDs em análise.

A transição capilar - marcada pelo discurso mercadológico - também traz um olhar diferente sobre o negro, que é visto de outro modo (“aceitação”), com, no limite, o apagamento/visualização das suas lutas sociais. Entretanto, ainda há discursos pejorativos em relação ao cabelo natural crespo.

Em relação aos ditames do mercado, assumir os fios crespos não pode acontecer de qualquer modo, ou seja, é necessário ter cuidados específicos e, neste caso, remetemos ao consumo. O processo de transição capilar tem um efeito distinto, se pensarmos nas exigências para a sua efetivação. Voltar ao natural exige atitudes do sujeito, se ele quiser um “resultado” melhor. “Assumir” a identidade é um processo que traz lucros para as empresas de cosméticos, principalmente. Para ser crespa são necessários investimentos.

Os discursos sobre a transição capilar afirmam que a mulher passa a estar empoderada e que isso se efetiva quando as curvaturas são “assumidas” publicamente. Ser uma mulher empoderada é assumir os fios naturais crespos. Ademais, o processo também é caracterizado como sendo um “expansor” da autoestima, quer dizer, os fios lisos não-naturais não permitem que a mulher que os escolher supostamente tenha a autoestima expandida. Assim, assumir o natural crespo é “receber” mais autoestima. A autoafirmação também é um efeito de sentido presente nas SDs, já que ser crespa seria assumir uma identidade social, reconhecer os fios e

não ter vergonha de mostrá-los ao social. Porém, não podemos deixar de perceber como estes efeitos meritórios estão submetidos a ditames interesseiros de caráter econômico.

Os discursos abordam/rejeitam, em aparência, o aprisionamento da mulher às condições de um sujeito inscrito em uma FD que vê o liso como belo. Neste caso, o alisamento efetivado foi caracterizado não como uma escolha individual da mulher, mas como uma pressão por optar pelo padrão estabelecido socialmente. Neste contexto, não há um desejo da mulher crespa em alisar os fios, cujo desejo é determinado socialmente pela FD que estabelece como a mulher deve ser, incluindo a “escolha” de cabelos lisos.

Passar pelo processo de transição capilar e rejeitar o alisamento também é considerado como um processo de curar feridas, entendendo o alisamento como uma ferida e como a imposição por meio de discurso de uma “beleza” determinada. Neste sentido de “cura”, temos como remédio “voltar às raízes”, não somente do cabelo, mas também da historicidade/identidade de uma raça. Entendemos que, também, aqui, estamos frente a um discurso que parece muito comprometido com as causas de uma raça, mas que, como alertamos, tem, em última instância, uma mirada mercadológica.

Como aprendemos com a AD, os efeitos de sentidos dos discursos são marcados por uma ideologia. Nas FDs que encontramos, o cabelo crespo é significado de diferentes modos. A contradição de produção da transição capilar emerge da inscrição em uma FD que vê o liso como “belo” e que, portanto, deve deixar de ser usado por ferir a autoestima, o empoderamento e a identidade. O sujeito que decide voltar ao natural rompe com uma ideologia que diz que o cabelo deve ser liso e assemelhado ao da raça branca.

Em síntese, os efeitos de sentido que são impostos sobre o cabelo crespo são produzidos de modos diferentes a partir das duas FDs que postulamos, as quais se relacionam interdiscursiva e polemicamente e geram deslocamentos metafóricos sobre um objeto instável e heterogêneo. Na FD “A”, o cabelo crespo é ruim, feio, descuidado e indesejado e, neste caso, o procedimento necessário é o alisamento, que configura, para a FD “B”, uma mulher sem autoestima. Na FD “B”, o cabelo crespo é significado como bom, bonito, cuidado e desejado e, então, o procedimento indicado é a volta ao natural, isto é, o recurso à transição capilar, que configura um perfil de mulher com autoestima expandida, mas que, para a FD “A”, é indesejável. De um lado e de outro, julgamentos; de um lado e de outro, consumo de mercadorias e lucratividade.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. G. **Introdução à análise do discurso**. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CATTELAN, J. C. **Interdiscurso e Memória**: a metáfora e a metonímia em Pêcheux/Herbert. *Inédito*.
- MOTTA, B. De volta às raízes. **Veja**, Brasil, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/de-volta-as-raizes/>> Acesso em: 12 fev. 2019.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 12. Ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- RIACHO, A. IZA fala sobre transição capilar para o crespo e relembra vez que viu cabelo natural: 'Me apaixonei'. **Gshow**, Brasil, maio 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/iza-fala-sobre-transicao-capilar-para-o-crespo-e-relembra-vez-que-viu-cabelo-natural-me-apaixonei.ghtml>> Acesso em: 20 fev. 2020.